Roselyne de Villanova, Philippe Bonnin (orgs.)
Loges, concierges et gardiens : Enquête en Europe - Paris, Londres, Barcelone, Oslo, Milan
Grâne: Créaphis, 2006

Numa edição cuidadosamente ilustrada, os autores convidam-nos à descoberta da actividade de *porteiro*, através de um estudo de terreno desenvolvido em cinco grandes cidades europeias. Roselyne de Villanova e Philippe Bonin que coordenam uma vasta equipa internacional, oferecem-nos, nesta obra, uma abundante e diversificada fonte de informações sobre uma actividade que permanece, em grande parte, por descobrir. Fundada em elementos qualitativos e quantitativos, a análise revela-nos a importância desta actividade na vida urbana actual.

Presença privilegiada no prédio, no bairro e na vida urbana local, os porteiros acedem a informações que estão na origem de expectativas contraditórias por parte

dos residentes. A figura de quem se espera ajuda para os pequenos problemas do quotidiano é a mesma que exerce vigilância e controlo sobre toda a vida do prédio. Da indiferença à cumplicidade, do conflito à reciprocidade efectiva, o exercício da actividade move-se num campo relacional que supõe o difícil equilíbrio entre disponibilidade e distância.

A análise detalhada dos autores, que não dispensa o ponto de vista de porteiros, residentes, sindicatos e gestores, permite-nos conhecer as múltiplas e contraditórias facetas desta actividade cujo sucesso se mede, também, pela capacidade a gerir o silêncio.

Figura obrigatória, a partir de finais do séc. XIX, no parque privado de habitação das classes média e alta – em 1874, em Paris, contavam-se já 61 794 porteiros – ela chega progressivamente aos edifícios de habitação social pela acção de militantes higienistas e humanistas. E é neste âmbito que a profissão se define através de regulamentação própria, nomeadamente no que diz respeito às condições de habitação e à atribuição de melhores salários. Esta situação contrasta com a experiência no parque privado, mais flexível, mas onde exiguidade, desconforto e baixos salários foram, até há pouco, a norma. Numa série de breves retratos, Roselyne de Villanova ilustra a diversidade das actuais condições destes alojamentos, em Paris, bem como a sua evolução nas últimas décadas.

Ameaçada, a profissão registou uma forte diminuição dos efectivos: em Paris, em 1990, o seu número baixou para 24 000. Redução das despesas de condomínio, recurso a empresas de manutenção e vigilância, rentabilização da casa da porteira, são alguns dos factores que explicam esta tendência. Mas se a eliminação do porteiro parece não trazer consequências visíveis nos prédios de pequena/média dimensão, o mesmo não se verifica nos grandes conjuntos residenciais: a sua presença revela-se determinante na resolução de situações imprevistas, técnicas e humanas, na qualificação dos espaços colectivos, no clima de segurança e na redução da conflitualidade social.

Tratando-se embora de uma experiência comum, os diferentes autores mostram como as soluções variam conforme as cidades em estudo. Enquanto Paris, Barcelona e Milão optam pela solução do porteiro residente no prédio, e que nesta última, pode estar associado a um "assistente social"; Londres diversifica a actividade – existem 9 designações distintas para a profissão – e separa o local de trabalho do lugar de residência. Já em Oslo a tendência vai no sentido da substituição do porteiro por empresas que asseguram as diferentes especialidades, técnicas e humanas. A higiene e manutenção dos espaços semiprivados são asseguradas pelos próprios moradores, eliminando assim o constrangimento de delegar tais tarefas, consideradas humilhantes, a pessoas exteriores, mas eliminando também os chamados "efeitos secundários" da presença do porteiro, o inevitável controlo e uma sociabilidade, considerada, por vezes, invasiva.

Figura da continuidade num universo residencial e urbano marcado por ritmos e cadências descontínuas, o porteiro – que em Paris é muitas vezes *uma porteira* (85 a 90%) e de origem portuguesa (50%, segundo algumas fontes) – parece destinado a permanecer no universo residencial. A crescente profissionalização passa, actualmente, pela qualificação destes actores. Desde 1994 que existe em França um diploma reco-

nhecido, uma formação disponível mas ainda não obrigatória. Também em Inglaterra existe uma oferta diversificada de formação; esta é ainda inexistente em Espanha e Itália. Pioneira, a Noruega abriu em 1968 uma primeira escola em Oslo, hoje com filiais em várias cidades. Mas já em 1920 foi aqui criada uma primeira formação para porteiros.

Dando eco ao discurso de diferentes intervenientes, os autores reafirmam a necessidade desta presença no cenário urbano actual, sublinhando a importância decisiva da formação para o reconhecimento definitivo desta actividade, cuja história permanece intimamente ligada à de sucessivas gerações de migrantes e imigrantes, que assim fizeram a sua entrada no tecido urbano qualificado.

Carolina Leite
Socióloga
Paris